

Apoio familiar e gestação na adolescência: Um estudo qualitativo com adolescentes do Vale dos Sinos/BR

Daniela Centenaro Levandowski¹

Bárbara Barth

Aline Assmann Ruas Munhós

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brazil

Amanda Cristina Rödde

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brazil

Jaqueline Wendland

Universidade Paris Descartes, France

Resumo

Neste estudo investigou-se a percepção de gestantes adolescentes da região do Vale dos Sinos/BR acerca do apoio familiar. Dezenove adolescentes (média=16,21 anos, DP=1,47) primíparas e sem problemas de saúde física foram entrevistadas no segundo trimestre gestacional. Da análise de conteúdo qualitativa das entrevistas derivaram quatro categorias temáticas: Reação da família à gravidez, Figuras familiares de apoio, Tipo de apoio recebido dos familiares e Expectativas em relação ao apoio familiar após o nascimento do bebê. Constatou-se que as adolescentes contavam com o apoio emocional, informacional e/ou instrumental da família desde a descoberta da gestação, especialmente da própria mãe. Após o parto, as participantes esperavam receber apoio dos familiares, particularmente da própria mãe. Tais achados são relevantes, considerando-se que o apoio familiar é um fator de proteção para a vivência da gestação e da maternidade de adolescentes provenientes de contextos de risco.

Palavras-chave: apoio social, família, gestação, adolescência

Family support and adolescent pregnancy: A qualitative study among adolescents that live at Vale do Rio dos Sinos/BR

Abstract

This study has investigated perceived family support by pregnant adolescents. Nineteen primiparous adolescents (mean=16,21 years, SD=1,47), with no physical health complications, living at Vale do Rio dos Sinos/BR area, were interviewed at the second trimester of pregnancy. Four thematic categories emerged from the qualitative content analysis of the interviews: Family reaction related to pregnancy, Supportive family members, Type of support received from family and Expectations about family support after delivery. Results revealed that adolescents were supported through information, emotionally and/or instrumentally by family members since the pregnancy announcement, especially from their own mothers. After delivery, the participants expected to receive support from their family, particularly from their own mothers. These results are relevant considering that family support is a protective factor for pregnancy and motherhood experience of pregnant adolescents from at risk contexts.

Keywords: social support, family, pregnancy, adolescence.

O apoio social pode ser definido como os recursos relacionais de que uma pessoa dispõe para enfrentar diferentes situações de vida. Este conceito engloba o número de pessoas com as quais o sujeito se relaciona, a estrutura e a qualidade destas relações, as ações concretas executadas pelas pessoas que compõem essa rede de

relações e a percepção que a pessoa mantém sobre todos estes aspectos (González, Martínez García, Martínez, López & Carrasco, 1998). Assim, na avaliação do apoio social, deve-se considerar a perspectiva qualitativa (funcional) e quantitativa (estrutural) (Gracia Fuster, 1997; Miller & Darlington, 2002). Enquanto a primeira refere-se ao significado e ao impacto destas relações, bem como às diferentes funções do apoio percebido pelo sujeito (Dolbier & Steinhardt, 2000), a segunda enfatiza a natureza da rede de relações e o número de

¹ Esta investigação foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) através do projecto n. 400698/2008-0. Email: daniela@ufcspa.edu.br

pessoas de que o indivíduo dispõe quando necessita. Ainda, o apoio social pode ser avaliado conforme o tipo de auxílio dispensado para e/ou recebido pelo indivíduo, que, segundo Dunkel-Schetter, Sagrestano, Feldman e Killingsworth (1996) e Pierce, Sarason, Sarason, Joseph e Henderson (1996), pode ser: emocional (expressões de conforto e cuidado), informacional (informações e orientações) e instrumental (provisão de recursos, serviços e solução de problemas).

O apoio social tem a função de amenizar o impacto de acontecimentos que afetam de forma negativa quem os vivencia (Ourô & Leal, 1998; Sarason, 1999). Por isso, esse constructo tem sido associado a medidas como adesão a tratamentos de saúde (DiMatteo, 2004), desempenho escolar (Rosenfeld, Richman, & Bowen, 2000), uso de estratégias de enfrentamento (Motta, Ribeiro, Pedro, & Coelho, 2004), bem-estar psicológico (Safrcada, 2001), como também à presença/ausência de transtornos psiquiátricos e problemas emocionais (Baptista, Baptista, & Torres, 2006; Helsen, Vollebergh, & Meeus, 2000; Stice, Ragan, & Randall, 2004).

Embora fundamental em diversos momentos da vida, o apoio social se mostra ainda mais importante naqueles períodos em que se observam diversas modificações psicossociais, como na gravidez e no puerpério (Clay & Seehusen, 2004; Glazier, Elgar, Goel, & Holzapfel, 2004; Hung & Chung, 2001; McKee, Cunningham, Jankowski, & Zayas, 2001; Webster et al., 2000). Especificamente no caso de uma gestação na adolescência, muitas vezes não planejada e geradora de dificuldades para a jovem e sua família, o apoio social é identificado como um fator protetor, que reduz o impacto de outros eventos estressantes enfrentados pelos envolvidos (Bunting & McAuley, 2004).

De fato, investigações brasileiras (Jussani, Serafim, & Marcon, 2007; Motta et al., 2004; Piccinini, Rapoport, Levandowski, & Voigt, 2002; Silva & Tonete, 2006) e de âmbito internacional (Griffiths, Cortés, Olivo, Romero, & Saldivia, 1994; Miller, Benson, & Galbraith, 2001; Stevenson, Maton, & Teti, 1999) têm mostrado particularmente a importância do apoio familiar no contexto de uma gestação precoce. Esse apoio repercute na vivência da gestação, bem como na relação mãe-bebê (Piccinini, Tudge, Marin, Frizzo, & Lopes, 2009; Sabroza, Leal, Souza Jr., & Gama, 2004; Silva & Tonete, 2006; Tsunechiro & Bonadio, 1999). Nesse sentido, a percepção das adolescentes em relação ao apoio recebido da família durante a gestação é um aspecto importante já avaliado pelos escassos estudos da área. Os resultados indicam alta satisfação com o apoio familiar emocional e financeiro recebido (por ex., Moreira & Sarriera, 2008).

Quanto às principais fontes de apoio, que geralmente são as pessoas mais próximas e íntimas do indivíduo

(Finfgeld-Connett, 2005), as gestantes adolescentes tem citado os próprios pais, especialmente a mãe, e o pai do bebê (Burke & Liston, 1994; Chen, Telleen, & Chen, 1995; Godinho, Schelp, Parada, & Bertocello, 2000; Griffiths et al., 1994; Lima et al., 2004; Piccinini et al., 2002). Os amigos também são referidos em alguns estudos (por ex., Griffiths et al., 1994; Moreira & Sarriera, 2008). Já quanto ao tipo de apoio recebido por gestantes adolescentes, os estudos mostram um panorama diversificado. Por exemplo, Lima et al. (2004) identificaram apoio financeiro e emocional recebido da própria mãe e do pai do bebê entre 19 adolescentes grávidas de Pernambuco (BR). Em quase metade dos casos, a família não interferira nas decisões em relação à gravidez, havendo a aceitação desse acontecimento sem necessidade de casamento e o desejo de auxiliar na criação do bebê. Godinho et al. (2000) também constataram, entre 20 puérperas adolescentes de Botucatu/BR, o apoio do pai do bebê na forma instrumental (dinheiro, roupas e remédios) e emocional (conforto e carinho). Até mesmo o fato de eles assumirem a paternidade foi considerado uma forma de apoio pelas adolescentes. Por sua vez, seus genitores as aconselhavam a evitar a repetição da gestação e afirmavam ajudá-las no cuidado pessoal e do bebê.

Contudo, nem todas as adolescentes contam com o apoio da família. Conforme Silva e Tonete (2006), os familiares podem reagir de forma negativa à gestação, por se tratar de um acontecimento inesperado, diante do qual sentem-se impotentes e revoltados pela interrupção dos projetos de vida da adolescente. Em casos mais extremos, essa reação pode se tornar violenta, como indicado por Monteiro, Costa, Nascimento e Aguiar (2007) em estudo com 15 gestantes internadas em uma maternidade de Teresina/BR. A maioria delas passou a ser violentada por pais, irmãos e companheiro, tanto física quanto psicologicamente, a partir da revelação da gravidez, o que gerou sentimentos de inferioridade e culpa nas jovens. O que se percebe é que a reação da família depende de diferentes aspectos, como as tradições e valores familiares, os papéis, os padrões sociais e a possibilidade de conciliação entre a trajetória da adolescente e os projetos do grupo familiar. No entanto, de modo geral, as famílias confirmam uma mudança positiva no convívio a partir da gravidez, especialmente a melhoria dos cuidados dispensados à jovem (Silva & Tonete, 2006).

Em suma, percebe-se que a gestação na adolescência pode se configurar de modo menos problemático quando a adolescente conta com apoio familiar, seja por meio de orientações de saúde, incentivo para prosseguir os estudos e para assumir os cuidados do bebê e/ou apoio emocional (Szigethy & Ruiz, 2001). Tendo em vista essa importância, o objetivo deste estudo foi

investigar a percepção de gestantes adolescentes da região do Vale dos Sinos/BR sobre o apoio familiar, uma vez que o apoio e a confiança proporcionam segurança no enfrentamento das dificuldades que podem surgir no processo gravídico-puerperal (Tsunechiro & Bonadio, 1999). Além disso, em estudos anteriores foi encontrada associação entre apoio social e o estado de saúde mental de gestantes, nomeadamente depressão e ansiedade (Baptista et al., 2006). Por fim, existe uma lacuna de conhecimento sobre como se configura o apoio familiar entre gestantes dessa região específica do Sul do Brasil, o que dificulta a elaboração de intervenções por parte dos profissionais que atendem essa clientela nesse contexto.

Método

Participantes

Participaram do estudo 19 gestantes adolescentes, de 13 a 18 anos (média=16,21 anos, DP=1,47), residentes na região do Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul/BR. Todas realizavam acompanhamento pré-natal em postos ou unidades básicas de saúde da região e preencheram os critérios de seleção do estudo: estar no segundo trimestre da primeira gestação e não apresentar problemas de saúde física. As participantes eram de nível sócio-econômico baixo. A maioria mantinha uma relação amorosa (84,3%, N=16) e morava com o companheiro/pai do bebê. Dezesete adolescentes (89,5%) não trabalhavam e 13 (68,4%) não haviam completado o Ensino Fundamental. A Tabela 01 apresenta os dados sociodemográficos das participantes de forma mais detalhada.

Tabela 1
Dados Sociodemográficos das Participantes

Dados Sociodemográficos	%	n
Idade		
13 - 14 anos	15,8	03
15 - 16 anos	36,8	07
17 - 18 anos	47,4	09
Escolaridade		
Ensino Fundamental Incompleto	68,4	13
Ensino Fundamental Completo	5,3	01
Ensino Médio Incompleto	26,3	05
Ocupação		
Nenhuma ocupação	78,9	15
Estudante	5,3	01
Doméstica	5,3	01
Vendedora	10,5	02
Estado Civil		
Solteira	15,8	03
Casada	15,8	03
Coabitação	47,4	09
Com namorado	21,1	04
Religião		
Nenhuma	21,1	04
Católica	57,9	11
Evangélica	15,8	03
Mórmon	5,3	01
Moradia		
Com parceiro e/ou pai do bebê	42,1	08
Com a própria família	26,3	05
Com a própria família e o companheiro	5,3	01
Com o companheiro e a família dele	21	04
Com o companheiro e tios	5,3	01

Todas as participantes integraram um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado “Avaliação de Aspectos Emocionais de Adolescentes da Região do Vale dos Sinos na Transição para a Parentalidade: Um Estudo Longitudinal” (Levandowski, 2008), que recebeu apoio financeiro do CNPq e objetivou caracterizar o estado de saúde mental de gestantes adolescentes, e compreender as repercussões dessa condição emocional nas suas experiências pessoais, conjugais e familiares, tanto na gestação como aos seis meses do bebê. Nesse estudo foram considerados os depoimentos relativos ao período gestacional de todas as adolescentes entrevistadas até o mês de agosto de 2009.

Delineamento, Procedimentos, Instrumentos e Considerações Éticas

Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório. A partir da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNISINOS, estabeleceu-se contato com as Secretarias Municipais de Saúde de cidades do Vale dos Sinos para a explicitação dos objetivos do estudo. A partir de sua aceitação, foi realizado um contato com unidades básicas e postos de saúde que prestavam atendimento para gestantes adolescentes. Nesses locais foram feitas visitas iniciais para explicar os objetivos e procedimentos do estudo e, após a autorização das equipes, foi iniciada a coleta de dados. Visitas regulares foram feitas aos locais para a abordagem das gestantes adolescentes, que ocorria durante a espera para as consultas de acompanhamento pré-natal. Neste momento, era realizado um convite para a participação, sendo apresentados os objetivos e procedimentos. A taxa de recusa à participação foi baixa (aproximadamente 2%).

Nos casos em que a adolescente preenchia os critérios do estudo, e havendo aceitação, efetuava-se a leitura e a assinatura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE). Sendo a participante menor de idade, era solicitada também a assinatura de um responsável. Após isso, a gestante era convidada a preencher uma *Ficha de Dados Sociodemográficos*, para a sua caracterização, e eram aplicadas ainda algumas escalas e inventários psicológicos, a fim de avaliar aspectos emocionais, que não foram objeto de análise no presente estudo. Seguindo-se a coleta de dados, a gestante era convidada a responder a *Entrevista sobre a Gestação e as Expectativas da Gestante Adolescente* (cujo roteiro foi adaptado de Piccinini et al., 2008). Em caso de impossibilidade, era agendado um novo horário, no próprio local ou na residência, de acordo com a preferência da participante. Não houve recusa à realização da entrevista entre as adolescentes que já haviam respondido aos instrumentos. Entretanto, foram enfrentadas dificuldades em alguns casos para

a sua localização, seja por mudança de telefone ou de local de moradia.

Todas as entrevistadas consentiram com a gravação da entrevista em áudio. Esta foi realizada individualmente e transcrita para posterior análise. Para este estudo, foram consideradas as perguntas que se referiam ao apoio social e, particularmente, ao apoio familiar: “Quando você engravidou, como os seus pais ficaram sabendo? E os demais familiares? O que eles te disseram? Algo te magoou? E o que te agradou?; Você notou alguma mudança na sua relação com os seus pais em função da gravidez? O que mudou? E com os seus irmãos? E os demais parentes?; Algum familiar (ou amigo ou profissional) tem lhe ajudado durante a gravidez? De que forma?; Você sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito em relação à gravidez? De quem?; Quem você espera que irá ajudá-la após o nascimento do bebê? De que forma?”.

Destaca-se que o projeto de pesquisa do qual deriva o presente estudo foi aprovado pelo CEP da UNISINOS (n. 08/002) e da UFCSPA (n. 996/2009). A autorização para participação foi obtida da adolescente e de seu responsável (em caso de menores de idade), por meio da assinatura do TCLE. Foram assegurados a confidencialidade da informação quanto ao conteúdo e à identificação da gestante, assim como o anonimato por ocasião da publicação dos resultados. Para as gestantes identificadas com algum sofrimento psíquico, garantiu-se encaminhamento para atendimento psicológico ao término da entrevista.

Análise dos Dados

Após a transcrição, as entrevistas foram analisadas por meio de análise de conteúdo qualitativa (Laville & Dionne, 1999). No presente estudo foi utilizado o *modelo misto* de análise, pois algumas categorias foram construídas *a priori*, com base nos objetivos do estudo e nas questões da entrevista, e, em seguida, foram submetidas à verificação para adequação. Após sucessivas leituras das entrevistas, as falas das participantes foram alocadas nas categorias temáticas previamente definidas e, em seguida, novas leituras foram realizadas, verificando-se a pertinência dessa alocação. Quando necessário, foram efetuadas mudanças, a fim de que cada trecho da fala das entrevistadas efetivamente refletisse o conteúdo de cada uma das categorias temáticas elencadas previamente. Desse modo, novas categorias foram geradas e, após, repetiu-se esses mesmos procedimentos.

Resultados e Discussão

Da análise qualitativa de conteúdo das entrevistas derivaram as seguintes categorias temáticas, apresen-

tadas a seguir e ilustradas com trechos de falas das gestantes adolescentes: Reação da família à gravidez, Figuras familiares de apoio, Tipo de apoio recebido dos familiares e Expectativas em relação ao apoio familiar após o nascimento do bebê. Ao final de cada categoria, consta a discussão dos resultados. As entrevistadas estão identificadas por números, a fim de preservar sua identidade.

Reação da Família à Gravidez

Nessa categoria foram incluídos todos os trechos de falas das participantes que se referiram à reação dos familiares à gravidez, englobando tanto a reação inicial à notícia como eventuais modificações dessa reação inicial ao longo da gestação. As reações iniciais variaram de surpresa ao descontentamento. Foram encontradas modificações da reação inicial em algumas famílias, em uma direção mais positiva.

Destacaram-se os relatos de uma reação inicial dos familiares de surpresa diante da notícia da gestação: *“Minha mãe foi junto comigo o dia que eu fiz o exame. Ela só ficou espantada e ela disse ‘Tirar tu não vai!’. O meu companheiro também ficou espantado quando soube, mas depois ele falou ‘É, vamos cuidá!’”* (G12); *“A minha mãe tava comigo nos exames, eu fui fazê o exame de sangue. Ela que foi buscá. Pra ela foi um choque, né!”* (G8). Tal reação inicial também foi identificada por Silva e Tonete (2006) em estudo qualitativo com nove familiares de gestantes adolescentes do interior de São Paulo/BR. Conforme as autoras, eles acreditavam ter advertido adequadamente as adolescentes sobre as conseqüências de uma gestação precoce, demonstrando a sua impotência diante da situação e imputando a responsabilidade do fato às próprias jovens.

Reações de descontentamento e lamento pela precocidade da gestação também foram encontradas: *“Na hora minha mãe foi bem contra, meu pai também, não conversava com ele”* (G17); *“Eles souberam e não gostaram da idéia [família do companheiro]”* (G5); *“Ah, a minha mãe disse que eu era muito nova”* (G15). Esses achados corroboram aqueles encontrados por Amazarray, Machado, Oliveira e Gomes (1998) em estudo qualitativo realizado com seis adolescentes de Porto Alegre/BR. Os autores apontaram a ausência de um padrão no que diz respeito ao impacto da notícia na família.

De fato, também foram encontradas reações de contentamento dos familiares com a notícia: *“Ela dizia ‘A P. tá grávida, tá grávida!’. Pro meu pai não caía a ficha, nem pra a minha mãe também. Mas eles ficaram muito felizes. Gostaram bastante!”* (G13); *“Os familiares falaram ‘Ai que bom, vai ter um nenezinho pra mim!’. Todos gostaram da notícia!”* (G12). No estudo qualitativo realizado por Hoga, Borges e Chavez Al-

varez (2009) com familiares de gestantes adolescentes, reações de contentamento também foram encontradas. A notícia foi bem recebida e constituiu-se um motivo de júbilo e felicidade para o grupo familiar. Segundo os autores, a gestação tende a ser melhor recebida pela família quando o vínculo entre o casal já está consolidado e existem planos para o casamento. Também no presente estudo as reações de contentamento dos familiares frente à gravidez foram referidas por adolescentes que coabitavam ou que já estavam casadas com o pai do bebê. Esses relacionamentos eram de maior duração, quando comparados aos demais.

Também foi possível constatar referências a modificações de comportamentos, atitudes e sentimentos dos familiares após a reação inicial à descoberta da gravidez. Assim, apesar da surpresa e até mesmo da reprovação, ao longo do tempo as famílias (especialmente pais e padrastos) apresentaram uma postura mais positiva e apoiadora frente à gestação da filha: *“Ah, no começo o meu padrasto não gostou muito da minha gravidez, daí ficou um tempo sem falar comigo. Daí depois que ele viu que não tinha como fazer mais nada, aí ele voltou a falar comigo, e agora ele tá aceitando direito a minha gravidez”* (G7); *“Agora que ele [pai] foi me procurar, começou a ajudar de novo, ele até tinha parado de ajudar, tudo”* (G17). Interessante notar que a desaprovação em geral foi demonstrada por membros do sexo masculino (pai e padrasto). Pode-se pensar que as mães, por uma identificação com as jovens, consigam se mostrar mais solidárias do que os homens. Esses talvez se sintam inicialmente “traídos” pela descoberta, que representa a perda da virgindade da filha e o alcance de um status de mulher. Em uma outra perspectiva, pode-se pensar que essa atitude dos pais/padrastos represente um movimento de dissociação do casal parental, cabendo ao pai representar a parte que reprova a gestação e, à mãe, a parte que aceita e auxilia. De qualquer forma, os achados demonstram que, diante da irreversibilidade da gravidez, os familiares parecem acionar seus recursos materiais e psíquicos para manejar a situação, acabando por fornecer alguma forma de apoio. Tais resultados corroboram aqueles encontrados por Motta et al. (2004) entre 12 gestantes adolescentes de Porto Alegre e São Leopoldo/BR. Silva e Tonete (2006) apontam que a gravidez interrompe ou modifica os projetos de vida das adolescentes e de suas famílias, impulsionando ambos a refazê-los, o que parece ter acontecido entre as participantes.

Figuras Familiares de Apoio

Nessa categoria foram consideradas todas as falas que indicavam as figuras de apoio pertencentes ao grupo familiar. Foram citadas a mãe, as irmãs e o pai, outros familiares (como avós e tios) e o parceiro/pai do

bebê: “Ela [mãe] me ajuda na... Ela se preocupa com o nenê, né” (G6); “É a minha mãe, minhas irmãs principalmente que tem mais me ajudado...” (G5); “Minha mãe, minha irmã que tá sempre me ajudando” (G17); “Minha vó, minhas tias, meus tios também me ajudam” (G12); “Familiar só a mãe, né, eu quero que as minhas tias... nenhuma delas veio ainda me ver, só a minha madrinha e minha tia” (G16). Esses achados corroboram aqueles apontados por Bunting e McAuley (2004) e Logsdon, Birkimer, Ratterman, Cahill e Cahill (2002) em revisão de literatura sobre as contribuições do apoio social para a gravidez/maternidade adolescente. Os autores identificaram a mãe como a figura de apoio mais proeminente. Mãe, parceiro e irmã também foram mencionados como figuras de apoio por 100 gestantes adolescentes norte-americanas (Stevenson et al., 1999). Dados semelhantes foram encontrados em estudos realizados no Rio Grande do Sul/BR (Moreira & Sarriera, 2008; Schwart, Vieira, & Geib, 2011).

Por outro lado, os achados do presente estudo diferem parcialmente daqueles encontrados por Godinho et al. (2000) entre 20 puérperas adolescentes de São Paulo/BR. Dentre aquelas adolescentes, 16 citaram o companheiro como figura de apoio, enquanto no presente estudo apenas uma citação foi encontrada. Um fato relevante apontado pelo estudo paulistano é que a aceitação da gravidez por parte do companheiro foi considerada uma forma de apoio recebido pelas jovens, que não julgavam ser dever do pai assumir o filho. É possível que as adolescentes do presente estudo apresentem uma opinião diferente a esse respeito, o que pode ter contribuído para a diferença entre os achados. Outra provável explicação pode ser a presença mais marcante do apoio familiar entre as gaúchas, o que pode deixar menos espaço para as manifestações de apoio do parceiro. De todo modo, seria importante avaliar a qualidade das relações amorosas estabelecidas por essas jovens para melhor compreender esse resultado, uma vez que a maioria delas referiu envolvimento em algum tipo de relacionamento (namoro, coabitação ou casamento). Isso faz pensar em relações frágeis, instáveis e por vezes violentas estabelecidas entre gestantes adolescentes e o pai da criança (Wendland & Levandowski, 2011), que parecem ser comuns em grupos com características socioeconômicas semelhantes às das participantes.

Tipo de Apoio Recebido dos Familiares

As falas das adolescentes que se referiram aos diferentes tipos de apoio recebido dos familiares foram incluídas nessa categoria. Houve referência a apoio financeiro, informacional e emocional: “minha mãe, minhas irmãs principalmente que tem mais me ajudado até nas compras” (G5); “Ela [irmã] me ajuda, fala as

coisas né, conversa sobre o que eu vou passar” (G1); “Ela [mãe] conversa, me explica, me dá conselho pra não errar de novo, e também pra mim seguir em frente” (G3); “Estão [família] me ajudando bastante, ganhei bastante roupinha, carrinho. (...) Dando conselhos, esclarecendo dúvidas em relação à gravidez” (G13). Em geral os resultados do presente estudo corroboram achados de estudos anteriores sobre apoio familiar no contexto da gestação na adolescência. Por exemplo, Jussani et al. (2007) identificaram apoio financeiro, informacional e instrumental entre 16 mães do Pará/BR, mostrando-se esse fundamental para o bem-estar e o bom desenvolvimento da gestação. Também no estudo de Hoga et al. (2009) todos os familiares ofereceram algum tipo de apoio para as adolescentes, como moradia, ajuda financeira e auxílio na criação do filho. Puderam ser identificados, assim como no presente estudo, apoio financeiro, informacional e emocional. Do mesmo modo, Godinho et al. (2000) relataram, em estudo com 20 puérperas de Botucatu/BR, a existência de apoio familiar emocional e financeiro.

Expectativas em relação às Figuras de Apoio após o Nascimento do Bebê

Nessa última categoria foram consideradas as falas das participantes que mencionavam suas expectativas em relação às pessoas que as apoiariam após o nascimento do bebê. Foram citadas pessoas do sexo feminino (mãe, irmã, avó e sogra) como possíveis figuras de apoio familiar, sendo esperado especialmente o auxílio para o cuidado do bebê (apoio instrumental): “Minha mãe e irmã vão me ajudar a cuidar do bebê. Voltarei a estudar” (G17); “Minha vó e minha tia vão me ajudar” (G7); “Minha mãe, que ela falou que vai tá toda hora ajudando, minha vó também falou, minha sogra também” (G12). Motta et al. (2004) também constataram que outros familiares integram a rede de apoio no cuidado da criança (tias, avós e irmãs) após o nascimento. De acordo com Prochnow e Lopes (2007), a figura feminina é de extrema importância, pois, além de apoiar, serve como modelo de identificação materna para a adolescente.

Considerações Finais

O presente estudo teve como objetivo investigar a percepção de gestantes adolescentes da região do Vale dos Sinos/BR sobre o apoio familiar. Pode-se constatar que as entrevistadas, de modo geral, contavam com uma rede de apoio familiar que lhes proporcionava apoio emocional, informacional e financeiro satisfatório durante a gestação. Alguns familiares conseguiram apoiar a jovem desde a descoberta da gestação, enquanto outros o fizeram depois de transcorrido algum

tempo. A principal fonte de apoio foi a mãe da adolescente, que pareceu tanto oferecer mais apoio como ser mais solicitada pela filha como fonte de apoio. Entretanto, outras figuras femininas foram mencionadas, com destaque para as irmãs. As adolescentes também apresentaram uma expectativa de serem apoiadas pelos familiares após o nascimento, novamente destacando-se a própria mãe como figura de apoio.

Tais achados podem ser vistos como um fator protetor para essas adolescentes na vivência da gestação e da futura maternidade, especialmente porque são provenientes de bairros periféricos dessa região específica do Sul do Brasil, considerados contextos de risco pela questão da criminalidade, da falta de infra-estrutura e do panorama socioeconômico. Especialmente, há que se levar em conta que o estudo foi realizado em instituições públicas de saúde, que prestam atendimento à população mais carente economicamente e vulnerável.

Naturalmente o presente estudo apresenta algumas limitações. Pode-se citar o fato de ter sido realizado de forma transversal e com uma população específica de grávidas adolescentes, sem contar com os depoimentos dos familiares. Ainda, pode-se pensar que as gestantes que aceitaram participar do estudo foram aquelas que estavam vivenciando de forma mais harmoniosa a sua gestação e, dessa forma, contavam com uma rede de apoio familiar mais efetiva. Também não se pode esquecer que as adolescentes podem ter fornecido respostas não tão fidedignas a respeito do apoio familiar, tendo em vista a deseabilidade social. Por último, pode-se citar o fato de não haver sido feita uma investigação mais detalhada a respeito do apoio recebido da família e do apoio solicitado pelas adolescentes. Essas nuances permitiriam compreender melhor as percepções das entrevistadas.

De qualquer forma, percebeu-se uma concordância entre os achados do presente estudo e aqueles de estudos anteriores. Tal constatação permite refletir sobre a importância da família como instância primeira de apoio para a adolescente no manejo das demandas que a vivência simultânea da gravidez, da adolescência, e algumas vezes da conjugalidade, impõem, independentemente do contexto socioeconômico e cultural. O que tende a diferir parece ser o tipo de apoio fornecido pelas famílias e as figuras familiares de apoio, uma vez que isso depende das necessidades das jovens e das possibilidades de cada grupo familiar.

Com isso, deduz-se que, no caso de uma gestação na adolescência, não parece restar outra alternativa às famílias que não aceitar a situação e colaborar com a filha, acolhendo também o bebê. Entretanto, nem sempre as famílias apresentam capacidade de reorganizar-se diante do fato e oferecer tal suporte, o que deve ser entendido pelos profissionais e contornado a partir de

intervenções específicas, haja vista a necessidade desse apoio por parte das adolescentes. De fato, os achados do presente estudo reforçam a necessidade de pesquisas e intervenções junto aos familiares de adolescentes grávidas, para que possam efetivamente atuar como figuras de apoio para essas jovens. Intervenções dessa natureza adquirem um caráter preventivo importante, uma vez que contribuirão para a saúde mental da adolescente, de seu bebê e da “nova” família que está a se formar. Assim, além de oferecer apoio às adolescentes, cabe conhecer e apoiar aqueles que estão ao lado dela, especialmente as suas próprias mães, proporcionando as condições possíveis para a travessia da gestação.

Sendo assim, sugere-se a realização de investigações que considerem depoimentos tanto das adolescentes como de seus familiares, a fim de fazer um comparativo entre as suas percepções. Também, a realização de estudos após o nascimento do bebê, para verificar se efetivamente o apoio familiar se mantém, especialmente quando a adolescente se depara com as tarefas de cuidado do bebê. Devido ao aspecto objetivo e subjetivo desse conceito, estudos que conjuguem entrevistas e instrumentos padronizados para a avaliação do apoio social e familiar são bem vindos. Nesse sentido, o investimento na elaboração de instrumentos específicos para avaliar esse constructo junto a adolescentes grávidas faz-se necessário.

Por fim, para além das investigações, sugere-se a inclusão da família da adolescente (especialmente das genitoras) no acompanhamento pré-natal, quando possível. Da mesma forma, a criação de espaços de discussão e partilha específicos para as avós dos bebês, que, diante dessa nova demanda familiar, tem seus recursos psíquicos mobilizados, necessitando fazer ajustes pessoais e familiares para auxiliar as filhas a viver, tão a contento quanto possível, essa experiência tão particular e desafiadora que é gestar um bebê na adolescência.

Referências

- Amazarray, M. R., Machado, P. S., Oliveira, V. Z., & Gomes, W. B. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: Um estudo fenomenológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 1-10.
- Baptista, M. N., Baptista, A. S. D., & Torres, E. C. R. (2006). Associação entre suporte social, depressão e ansiedade em gestantes. *Psic*, 7(1), 39-48.
- Burke, P. J., & Liston, W. J. (1994). Adolescent mothers' perceptions of social support and the impact of parenting on their lives. *Pediatric Nursing*, 20(6), 593-599.
- Bunting, L., & McAuley, C. (2004). Research review: Teenage pregnancy and motherhood – The contribution of social support. *Child and Family Social Work*, 9(2), 207-216.
- Clay, E. C., & Seehusen, D. A. (2004). A review of postpartum depression for the primary care physician. *Southern Medical Journal*, 97(2), 157-161.

- Chen, S. C., Telleen, S., & Chen, E. H. (1995). Family and community support of urban pregnant students: Support person, function, and parity. *Journal of Community Psychology*, 23(1), 28-33.
- DiMatteo, M. R. (2004). Social support and patient adherence to medical treatment: A meta-analysis. *Health Psychology*, 23(2), 207-218.
- Dolbier, C. L., & Steinhart, M. A. (2000). The development and validation of the Sense Support Scale (SSS). *Behavioral Medicine*, 25(4), 161-168.
- Dunkel-Schetter C., Sagrestano L. M., Feldman P., & Killingsworth C. (1996). Social support and pregnancy: A comprehensive review focusing on ethnicity and culture. Em: G. R. Pierce, B. R. Sarason, & I. G. Sarason (Orgs.), *Handbook of social support and the family* (pp. 375-412). New York: Plenum Press.
- Finfgeld-Connett, D. (2005). Clarification of social support. *Journal of Nursing Scholarship*, 37(1), 4-9.
- Glazier, R. H., Elgar, F. J., Goel, V., & Holzappel, S. (2004). Stress, social support, and emotional distress in a community sample of pregnant women. *Journal of Psychosomatic Obstetrics & Gynecology*, 25(3-4), 247-255.
- Godinho, R. A., Schelp, J. R. B., Parada, C. M. G. L., & Bertonecello, N. M. F. (2000). Adolescentes e grávidas: Onde buscam apoio? *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 8(2), 25-32.
- González, A. M., Martínez García, J. M., Martínez, J. S. L., López, M. J. M., & Carrasco, J. M. M. (1998). *Comportamientos de riesgo: Violencia, prácticas sexuales de riesgo y consumo de drogas ilegales en la juventud*. Madrid: Entinema.
- Gracia Fuster, E. (1997). *El apoyo social en la intervención comunitaria*. Barcelona: Paidós.
- Griffiths, A. E., Cortés Q. J., Olivo, M. A., Romero, Z. J., & Saldivia, S. J. (1994). Características psicosociales de la embarazada adolescente en Valdivia. *Cuadernos Médico-Sociales*, 35(2), 31-37.
- Helsen, M., Vollebergh, W., & Meeus, W. (2000). Social support from parents and friends and emotional problems in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(3), 319-335.
- Hoga, L. A. K., Borges, A. L. V., & Chavez Alvarez, R. E. (2009). Gravidez na adolescência: Valores e reações dos membros da família. *Acta Paulista de Enfermagem*, 22(6), 779-785.
- Hung, C., & Chung, H. (2001). The effects of postpartum stress and social support on postpartum women's health status. *Journal of Advanced Nursing*, 36(5), 676-684.
- Jussani, N. C., Serafim, D., & Marcon, S. S. (2007). Rede social durante a expansão da família. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(2), 184-189.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Levandowski, D. C. (2008). *Avaliação de aspectos emocionais de adolescentes da região do Vale dos Sinos na transição para a parentalidade: Um estudo longitudinal*. Projeto de pesquisa não publicado. Porto Alegre: Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre.
- Lima, C. T. B., Feliciano, K. V. O., Carvalho, M. F. S., Souza, A. P. P., Menabó, J. B. C., Ramos, L. S., Cassundé, L. F., & Kovacs, M. H. (2004). Percepções e práticas de adolescentes grávidas e de familiares em relação à gestação. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, 4(1), 71-83.
- Logsdon, M. C., Birkimer, J. C., Ratterman, A., Cahill, K., & Cahill, N. (2002). Social support in pregnant and parenting adolescents: Research, critique, and recommendations. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 15(2), 75-83.
- McKee, M. D., Cunningham, M., Jankowski, K. B., & Zayas, L. (2001). Health-related functional status in pregnancy: Relationship to depression and social support in a multi-ethnic population. *Obstetrics & Gynecology*, 97(6), 988-993.
- Miller, B. C., Benson, B., & Galbraith, K. A. (2001). Family relationships and adolescent pregnancy risk: A research synthesis. *Developmental Review*, 21(1), 1-38.
- Miller, R. J., & Darlington, Y. (2002). Who supports? The providers of social support to dual-parents families caring for young children. *Journal of Community Psychology*, 30(5), 461-473.
- Monteiro, C. F. S., Costa, N. S. S., Nascimento, P. S. V., & Aguiar, Y. A. (2007). A violência intra-familiar contra adolescentes grávidas. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 60(4), 373-376.
- Moreira, M. C., & Sarriera, J. C. (2008). Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 781-789.
- Motta, M. da G. C., Ribeiro, N. R. R., Pedro, E. N. R., & Coelho, D. F. (2004). Vivências da mãe adolescente e sua família. *Revista Acta Scientiarum - Health Sciences*, 26(1), 249-256.
- Ourô, A. M., & Leal, I. P. (1998). O ventre sacia-se, os olhos não: O suporte social em adolescentes que prosseguiram a gravidez e mulheres que recorrem à interrupção voluntária da gravidez na adolescência. *Análise Psicológica*, 3(16), 441-446.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C. S., Marin, A. H., Carvalho, F. T. de, Henn, C. G., Dias, A. C. G., Schwengber, D. D. de S., & Diehl, A. M. P. (2008). *Aspectos biopsicossociais da gravidez adolescente: Estudo longitudinal da gestação ao segundo ano de vida da criança*. Projeto de pesquisa não publicado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Piccinini, C. A., Rapoport, A., Levandowski, D. C., & Voigt, P. R. (2002). Apoio social percebido por mães adolescentes e adultas: Da gestação ao terceiro mês de vida do bebê. *Psico*, 33(1), 9-35.
- Piccinini, C. A., Tudge, J., Marin, A. H., Frizzo, G. B., & Lopes, R. C. S. (2009). The impact of socio-demographic variables, social support and child sex on mother-infant and father-infant interaction. *Interamerican Journal of Psychology*, 44(2), 382-391.
- Pierce, G. R., Sarason, I. G., Sarason, B. R., Joseph, H. J., & Henderson, C. A. (1996). Conceptualizing and assessing social support in the context of the family. Em: G. R. Pierce, B. R. Sarason, & I. G. Sarason (Orgs.), *Handbook of social support and the family* (pp. 3-23). New York: Plenum Press.
- Prochnow, L. P., & Lopes, R. de C. S. (2007). A relação da mãe em situação de depressão com suas figuras femininas de apoio. *Psico*, 38(3), 285-291.
- Rosenfeld, L. B., Richman, J. M., & Bowen, G. L. (2000). Social support networks and school outcomes: The centrality of the teacher. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 17(3), 205-226.
- Sabroza, A. R., Leal, M. do C., Souza Jr., P. R. de, & Gama, S. G. N. da (2004). Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). *Cadernos de Saúde Pública*, 20(1), 130-137.
- Saforcada, E. (2001). *El factor humano en la salud pública*. Buenos Aires: Proa XXI.
- Sarason, B. R. (1999). Familia, apoyo social y salud. En J. Buendía (Org.), *Familia y Psicología de la Salud* (pp. 19-42). Madrid: Pirámide.
- Schwartz, T., Vieira, R., & Geib, L. T. C. (2011). Apoio social a gestantes adolescentes: Desvelando percepções. *Ciência e Saúde Coletiva*, 16(5), 2575-2585.

- Silva, L., & Tonete, V. L. P. (2006). A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: Compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Latinoamericana de Enfermagem*, 14(2), 199-206.
- Stevenson, W., Maton, K. I., & Teti, D. M. (1999). Social support, relationship quality, and well-being among pregnant adolescents. *Journal of Adolescence*, 22(1), 109-121.
- Stice, E., Ragan, J., & Randall, P. (2004). Prospective relations between social support and depression: Differential direction of effects for parent and peer support. *Journal of Abnormal Psychology*, 113(1), 155-159.
- Szigethy, E. M., & Ruíz, P. (2001). Depression among pregnant adolescents: An integrated treatment approach. *American Journal of Psychiatry*, 158(1), 22-27.
- Tsunehiro, M. A., & Bonadio, I. C. (1999). A família na rede de apoio da gestante. *Família, Saúde, Desenvolvimento*, 1(1/2), 103-106.
- Webster, J., Linnane, J. W., Dibley, L. M., Hinson, J. K., Starrenburg, S. E., & Roberts, J. A. (2000). Measuring social support in pregnancy: Can it be simple and meaningful? *Birth*, 27(2), 97-101.
- Wendland, J., & Levandowski, D. C. (2011). Les pères adolescents: Le versant oublié des grossesses à l'adolescence. *Neuropsychiatrie de L'Enfance et de L'Adolescence*, 59(7), 393-442.

Received 03/26/2012

Accepted 01/08/2013

Daniela Centenaro Levandowski. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brazil

Bárbara Barth. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brazil

Aline Assmann Ruas Munhós. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brazil

Amanda Cristina Rödde. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brazil

Jaqueline Wendland. Universidade Paris Descartes, France